

Blocos econômicos e a “nova ordem mundial”

Outra característica do mundo atual é a formação de blocos econômicos, ou comunidades econômicas, visando à integração de mercados. A **União Européia (UE)**, cujo mercado único entrou em vigência em **1992**, constitui um desafio para a hegemonia econômica norte-americana.

Por outro lado, os Estados Unidos procuram incentivar a **formação do mercado americano**. México, Canadá e Estados Unidos assinaram tratados de integração econômica para contrabalançar os efeitos da unificação européia. O **Nafta**, tratado de livre comércio entre os Estados Unidos, Canadá e México, entrou em vigor em janeiro de **1994**.

Os Estados Unidos enfrentam a concorrência dos mercados europeu e do Japão, que é um de seus maiores parceiros econômicos e principal rival.

O neoliberalismo latino-americano

Desde meados da década de 1980, alguns países latino-americanos vêm experimentando mudanças em suas economias: o **neoliberalismo**, que conta com o patrocínio do Fundo Monetário Internacional (FMI), foi o grande responsável pelo “sucesso” de planos econômicos destinados a estabilizar as economias latino-americanas. A “receita” do sucesso incluiu:

- a renegociação da dívida externa;
- a privatização de empresas estatais;
- a reforma administrativa do Estado e a redução do quadro de funcionários públicos;
- a abertura da economia ao capital estrangeiro.

Em alguns países, como a Venezuela, o México e o Brasil, o anticomunismo do período da guerra fria foi substituído pela luta contra a corrupção. Em **1992**, o presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello, teve seu mandato cassado pelo Poder Legislativo depois de comprovada sua participação em quadrilhas e negócios escusos. No ano seguinte, o presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, também sofreu processo de impedimento pelo Poder Legislativo de seu país, e foi afastado do cargo devido a denúncias de irregularidades e corrupção.

Collor de Mello e uma jovem “cara-pintada”, em 1992.



A questão da dívida externa, um dos principais entraves ao crescimento econômico na América Latina, aos poucos foi sendo solucionada. Vários países do continente conseguiram romper um círculo vicioso, controlaram a inflação e voltaram a crescer. O custo social das reformas econômicas atingiu as camadas menos favorecidas da população: o **desemprego** ainda é um dos grandes desafios enfrentados pelos governos latino-americanos.

Na maioria dos países, as reformas vieram junto com governos democráticos. A exceção foi o Peru, onde o presidente Fujimori impôs uma nova Constituição e encaminhou reformas após um golpe de Estado apoiado pelos militares. Na Argentina, no Uruguai e no Chile, governos democráticos administram as mudanças na economia de seus países.

Apesar do sucesso das reformas econômicas empreendidas pelo presidente Carlos Salinas de Gortari no México, e da entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio, guerrilheiros tomaram de assalto a província de Chiapas, no sul do México, em janeiro de **1994**. Os guerrilheiros do Exército Zapatista de Libertação Nacional exigiam a revogação do tratado. No sul do continente americano, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai procuram estimular a formação de um mercado regional, o **Mercosul**.

Mas a estabilidade democrática da América Latina ainda não parece plenamente consolidada. Heranças históricas coloniais autoritárias, aliadas à dependência econômica dos blocos mais fortes do capitalismo internacional, parecem, para muitos analistas, ainda hoje presentes. Leia um balanço escrito em 1994 tratando dessas questões:

Desde os dias dos conquistadores do século XVI até os caudilhos feudais do século XIX, chegando aos generais e suas juntas neste século, a América Latina tem uma longa tradição de homens fortes governando as massas. Agora que todos os países da região, exceto Cuba, anunciaram suas reformas democráticas, o homem forte da América Latina não desapareceu, evoluiu.

Um caso clássico pode ser encontrado no México, onde o presidente Carlos Salinas de Gortari, um modernizador político e econômico, apesar de tudo recorreu a medidas severas para reprimir um levante ocorrido em Chiapas, antes de declarar um cessar-fogo unilateral.

Autoritarismo consentido – *Também no Peru e na Argentina, líderes políticos e seus partidos exercem vasto poder, centralizado no Executivo – às vezes, de maneira ríspida, como o exemplo do Peru ilustra. O novo tipo de democracia autoritária parece ser aceitável para os povos que eles governam, até o ponto em que fomenta o progresso econômico e assegura a lei e a ordem.*

No México, antes da rebelião de Chiapas, o talismã de Salinas era o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), o sonho, para muitos mexicanos, de ter o mesmo tipo de prosperidade dos vizinhos do norte.

Agora, o desafio de Salinas é preservar a estabilidade e a promessa do Nafta, equilibrando-se entre a firmeza necessária para manter a ordem social e o compromisso com as reformas, de modo a não afugentar investidores estrangeiros.

Salinas parecia procurar isso quando, na semana passada, encerrou a perseguição que o exército mexicano movia aos rebeldes das montanhas de Chiapas e demitiu seu poderoso ministro do Interior (que fora governador de Chiapas).

continua

O presidente Carlos Saul Menem também teve de ter firmeza ao governar a Argentina à base de decretos nos últimos quatro anos, evitando o Congresso, e ao dominar a Corte Suprema.

Mas Menem deu a seus oponentes pouca munição para usar contra si. Sob seu governo, a inflação caiu a seu nível mais baixo em quase trinta anos, e a economia cresceu mais de 7% ao ano desde 1991. Previsivelmente, ele é muito popular.

De modo semelhante, o presidente Alberto Fujimori, do Peru, suspendeu o governo constitucional em abril de 1992 para realizar uma dura campanha contra os guerrilheiros do Sendero Luminoso. Os eleitores responderam a isso elegendo um novo Congresso cheio de partidários de Fujimori. Além disso, o investimento estrangeiro está inundando o país. [...]

Continuidade – *A durabilidade dessa tradição é pouco surpreendente. Com os pobres privados de direitos civis básicos e uma classe média pequena nesses países, a aristocracia e a classe empresarial muitas vezes se voltaram para os militares para enfrentar levantes guerrilheiros ou outras formas de desordem. Em outras ocasiões, populistas como o general Juan Domingo Perón, na Argentina, encontraram grande apelo entre as massas.*

Agora, com os maiores desafios sendo econômicos, os novos homens fortes estão procurando – freqüentemente com apoio militar crucial – perpetuar-se no poder. E muitos cidadãos estão inclinados a permitir que eles, no interesse de um trabalho sustentado que refreie a inflação, vendam empresas estatais e atraiam investimento estrangeiro.

Menem e Fujimori manobram para derrubar a proibição constitucional de sua reeleição para um segundo mandato consecutivo. [...]

Nathaniel C. Nash, “Figura do homem forte latino ainda sobrevive”.
O Estado de S. Paulo, 11/1/94

Cuba: baluarte do socialismo

O regime cubano de Fidel Castro perdeu sua base de sustentação financeira com as reformas ocorridas na Rússia e no Leste europeu. Por causa do fim do auxílio externo, a população cubana enfrenta graves problemas de desabastecimento de alimentos e de energia. Apesar disso, o governo reluta em adotar mudanças em sua economia e no sistema de governo de partido único.

A China, os “tigres asiáticos” e o Japão: novas potências econômicas

Na China Popular, um dos países mais populosos do mundo (1 bilhão e 170 milhões de habitantes), o governo vem realizando reformas econômicas para a adoção da economia de mercado em vários pontos do país. Apesar disso, a população luta para restabelecer a democracia.

A desaceleração das reformas econômicas no final da década de 1980 provocou a reação da população. Em junho de **1989**, a sociedade exigiu mudanças políticas: o governo reprimiu os manifestantes com violência. A chamada “primavera de Pequim” terminou com o massacre da praça da Paz Celestial, onde milhares de manifestantes foram mortos e presos pelas tropas do Exército Vermelho.



As fotos mostram os incidentes na praça da Paz Celestial, na China, em 1989, quando morreram vários jovens que se manifestavam a favor da modernização do país.

Atualmente, a economia da China Popular conta com a participação de investimentos estrangeiros. Em 1991 e 1992, a economia chinesa cresceu 7%, uma das taxas mais altas do mundo. Esse crescimento vertiginoso colocou um fim ao isolamento diplomático da China Popular. Embora exigindo reformas políticas, as potências ocidentais estão negociando e realizando investimentos de vulto na China.

No sudeste asiático, a Coreia do Sul, Hong Kong, Formosa e Cingapura formam o grupo dos chamados “tigres asiáticos”. Esses países crescem em ritmo acelerado e inundam o Ocidente com seus produtos eletrônicos, automóveis e tecidos.

Depois da derrota na Segunda Guerra Mundial, o Japão se recuperou e atualmente é a principal potência econômica da Ásia. Contando com aproximadamente 125 milhões de habitantes, o Japão se tornou um dos países mais desenvolvidos do mundo. O sistema de governo adotado, o parlamentarismo monárquico, preservou a figura do imperador.

O governo democrático do Japão é uma exceção no sudeste asiático. A maioria dos “tigres” e a própria China são conduzidos por governos totalitários. Na Coreia do Sul, a democracia começa a dar seus primeiros passos.

Exercício 1

Por que o regime cubano ficou ameaçado?

Exercício 2

Explique a formação dos blocos econômicos do mundo atual.

Exercício 3

O que é o neoliberalismo latino-americano?

Exercícios